Píndaro, 4ª ode Neméia

Luta e poesia nos Jogos Olímpicos

Francisco Achcar
Introdução, tradução e notas

Para José Cavalcante de Souza

Um garoto de Egina, Timascarco, lutador que já conquistara vitórias nos jogos de Atenas e Tebas e que ansiava bastante para obter o trunfo em Neméia, um descendente de ilustres familia de músicos e poetas — este o herói que cuece a Píndaro celebrar na ode que leremos. O fato de a família dos Teândridas ser, há gerações, cultora da arte do poeta e, na expressão deste, "ministra dos cantos de vitória", dará lugar a um dos belezos momentos pendâncos de associação temática de canto e esporte. Não ouviremos aqui, no entanto, o soberbo elogio da música que abre a 1ª Pílica (magnificamente traduzida por Haroldo de Campos — v. bibliografia), mas assistiremos a um lance admirable de descrição simultânea de luta e poesia (que, infelizmente, em minha tradução empalidece até quase desaparecer). Encontraremos neste canto, como tantas vezes em Píndaro, o topos do encairecimento do canto como perpetuação do memorável — uma função que, segundo hoje se vê, esteve ligada ao próprio nascimento da lírica coral (v. J. Svenbro). De resto, o poema contém os elementos obrigatórios do epínico: além do atleta e de seu treinador-preceptor (no caso de um menino), celebra-se sua família e sua cidade, através da apresentação de um pot-pouri de histórias a elas ligadas — um festival mítico montado com a mestria pendárica do corte rápido, da síntese drástica e da transição brusca. E não falta também o pendor gnômico do poeta, que por momentos se eleva a sôbria grandezza em suas formulações de sentido existencial.

Uma palavra sobre a tradução. Tal como entendida e praticada por seus melhores cultores (e, no Brasil, nossa literatura começa com um tradutor ousoado: Gregório de Matos), a tradução poética tem a natureza da aemulatio: concorrer com o autor, desejar fazer, em nossa língua, tão bem quanto ele na sua. Não é o caso da presente tradução, que não pretende replicar à qualidade do original, mas apenas — sem olender demais o português — oferecer, ao leitor a quem o texto grego seja difícil ou inacessível, uma transposição o quanto possível literal, que lhe permita acompanhar as anotações e que, juntamente com elas, lhe proporcione uma sugestão, fraca embora, do saber exuberante da escrita pendárica. (Devemos sempre nos lembrar de que o trabalho do poeta envolvia, além do texto, a composição da música e possivelmente da coreografia demandadas pela performance.) Este poema, diferente do que é mais comum em Píndaro, não se compõe de triades de estrofe-antistrofe-epodo, com suas estruturas métricas marcadas por variações e simetrias irreproducíveis em tradução; compõe-se de estrofes singulares, e portanto de estrutura métrica menos complicada (2); mesmo assim, não procurei criar em português qualquer desenho rítmico que lebrasasse o original, nem a divisão em linhas irregulares corresponde à pretensão de compor versos, pois só busca uma disposição que, facilitando a leitura, facilita a redação por livrá-la dos rigores da articulação da prosa. (Há quem, elaborando tradução literal cujo interesse está exatamente na literalidade ou às vezes na arrojada hiperliteralidade, julga estar fazendo poesia. É um engano que não cometo.)

Sobre a dificuldade de que algum leitor possa argüir o texto da tradução, diga-se o seguinte. Qualquer que seja sua eficiência estática (nula, sem dúvida), e posta de lado a mera obscuridade de referência (devida à nossa ignorância dos mitos e de outros dados daquela cultura), a dificuldade do texto português não é maior que a do texto grego, ao contrário. É verdade que, na
performance, a presença da música e da dança, sinalizando o canto, dirigia a compreensão do assistente, esclarecia-a, ressaltando visual e sonoramente o jogo de articulações do texto. E impressiona pensar no nível de refinamento e na riqueza do "samba" que então se fazia para comemorar uma vitória esportiva.
ΤΙΜΑΣΑΡΧΩΙ ΑΙΓΙΝΗΤΗΙ (ΠΑΙΔΙ)  
ΠΑΛΑΙΣΤΗΙ

"Αριστος εύφροσύνα πόνων κεκριμένων  
ιατρός· αι δε σοφαι  
Μαυσόν λόγιες δόσι·  
δαι λέξεων νιν ἀπτόμεναι.  

5  
Οδὴ δέρμων ὑδωρ τόσον  
γε μαλακά τεύχει  
γυαλια, τόσον εὐλογία  
φόρμμιγι σανάμορος.  

Ῥήμα δ' ἄργητων χρονίων—  
tερων θιετάει,  
δε τι κε σῶν χαρίτων τύχη  
γλῶσσα φρενώς ἕξετο βαθείας.  

Τά μοι θέμαν Κρονίας τε Δι και Νεμέα  
Τιμωσάρχου τε πάλη  
θρυμον προκάμων εἰ—  
τη δέξανται δ' Ἀλκιδών  
ἡμπυργόν ἤδος, δίκη.  

ξενοτρεῖ κοινὸν  
φάγγος. Εἰ δ' ἐτε Καρεντ  
Τιμὸκριτος ἀλήρ  
οὐ μαντή ἐθάλπητο, ποι—  
κὼλον κιβάριζαν.  

15  
θαμά κε, τόδε μέλει κλιδεῖς,  
υἱὸν κελάδησα καλλίνικον  

Κλειναλων ὁ ἤτι ἄγνως ἰμμον στεφάναν  
πέμπουσα και λιπαρὰν  
ἐυανόμοιν ὁτι· Ἀθανάτων, Θηβαῖς ἀτ' ἐν ἐπταπόλοις  
oύνει  ὁμφυτρώνος ἀδραίων ταρά τύμβουν  
Καδμειοί νιν οὐκ ἀδεικνυτεις  

δύθηκει μεγίστουν,  
Ἀλκίνας ἐκαιτί. Φιλιομοιοι γάρ φίλος ἐδήλων  
ἔξων ὅστι κατέδρακεν  

Ἡρακλέας δῆλαν πρὸς αὐλάν.  

20  
Σὺν δ' ποτε Τροιάν πρεσβευτέος Τελαμών  
πόρθησα και Μέροπας  
καὶ τὸν μέγαν πολεμιστῶν Ἐκταγλων Ἀλκυονῆ,  
οū τετρασαρίας γαι πρὶν  
δυδέκα πέτρο  

ηρωᾶς τ' ἐπερεθεβαθατα Ιπποδόμων Ελεν  

dic τόσους. Ἀπειρομάχας  
δὲν κε φαινεῖ  
λόγον δ' μὴ συνικεῖς· ἐπει  

βέζωντά τε και παιδεῖν θεάκεν.
PINDARO

NEMÉIA IV

A Timasarco de Egina,

lutador

1
Alegria, o melhor médico das fadigas
(1)
decisórias, que as odes,
(2)
sábias filhas das Musas,
encantam com seu toque.
(3)
5
Nem a água têpida os membros
distende como o elogio
companheiro da lira.
(4)
E a palavra vive
(5)
mais tempo que os feitos
se a língua, com dom das Graças,
a retira do fundo da alma.

2
Tal seja o prelúdio do hino
que a Zeus Cronida, a Némia e à luta
de Timasarco me caiba

15
oferecer: acolha-o a casa
de belas torres dos édicos, luz comum
da justiça que protege estrangeiros.
Se ainda Timóctito, teu pai, ao sol
ardente se aquecesse, sons vários

20
tirando da cítara, inclinado
sobre este canto, tantas vezes celebraria
o filho belo de vitória

3
que do combate cleoneu enviou
guirlanda de coroas, e da brilhante.

25
afamada Atenas, e em Tebas
de sete portas, pois perto
do túmulo luzente de Anfitrião
os cadámeos, contentes,
o envolveram com flores

30
por causa de Egina. Vindo como amigo
para junto de amigos, desceu
à cidade hospitaleira
para o feliz pátio de Hércules

4
com quem outrora Télamond poderoso

35
arruinou Tróia e os méropes
(12)
e o imenso Alcioneu guerreiro terrível,
mas não antes de ele
destruir com pedra
doze quadrigas montadas do dobro

40
de heróis domadores de cavalos.
Ignorante de combates
quem não entende esta história:
é natural que quem dá
também receba.
Τὰ μακρὰ δ’ ἐξενέπτευς ἔρρεκε μὲ τεθρός

35 ἤργοι δ’ Ἐλευθερία

τοῖς νεφελών βιγέμεν.

"Εμπιστ., καίτερ ἔχει βαθιά

αἱ πυριτῶν ἄλμη

μέσον, ἀντίς του ἐπιθυμο-

λία, ἁφάδρα δοξομέν

δεκαὶ ὑπάρχουσι ἐν

φάει καταβαίνειν·

φθόνερα δ’ ἄλλος ἀνήρ

βλέπων

γνώμαι κενεάν σκότος κυλίνθει

χαμαι πετοῦσαν. Ἐμιῦ δ’ ὅπτολαν ἄπτολα

ἐδώκε πότος διας,

ἐκ σιδ’ δ’ ἄρον ἄρ-

ποι τιμωμένουν τελέσῃ.

40 Ἐξύφασιν, γλυκεία, καὶ

τόδ’ ἀντίκα, φόρμυξ

Λυδία συν ἄρμων,

μέλος περιλημένον

Θεόνως το καὶ Κύπερ, ἐν·

θα Θεόνος ἀπορχεῖ

ὁ Τελαμονιάς ἀτόρ

Ἀτας Σαλαμίν’ ἔχει πατρήν

ἐν δ’ Ἐυξείνῳ πελάγει φανερον Ἀχιλεύς

νάσον Θέτις δὲ κρατεῖ

Φίλοκος Ἐστεδέλμος δ’

Ἀπείρο διαπροσά, βούδασσι τοῖς ἡρῴοις Εξ-

οχοι κατάκειται

Δανάωθεν ἄρχομενοι

πρὸς Ἰόνιον πόρον

Παύλου δ’ τάρ τοῦ λα-

τριάν Ἰαλλόκον

50 πολεμίων χερὶ προσπροεκεῖς

Πῆλεος παρέδοκεν Ἀλκάνευν

δᾶματος Ἰππόλυτας Ἀκάστου ἄδοιας

τέχναις χρησάμενος.

55 Τῇ Δαναῶλῳ δὲ μεγαῖ-

ρη φύτευε οἵ θάνατον

ἐκ λόχου Πελίας παις·

βλαλκα δὴ Χαῖρον,

καὶ τὸ μόρομον Διόθεν

τιμωμένον Εὐφρεν.

πῦρ δὲ παγκρατίως ἠκούσαμ-
Mas a regra do canto e as horas prementes me vedam narrar longamente e um encanto me incita o coração a tocar na festa da lua nova. Mas mesmo que a onde profunda do mar te agarre a cintura, resiste à ciúde. Inimigos nos verão abordar, superiores, à luz do dia – e outro homem, olhando com inveja, agita na sombra uma idéia vazia

que cai por terra. A excelência qual me foi dada por Fortuna soberana sei bem que com a passagem do tempo cumprirá seu destino. Tece, doce lira, e logo, com harmonia lídia, um canto caro a Enone e a Chipre, onde Teucre Telamônide reina

apartado, enquanto Ájax detêm a pátria Salamina

e no mar Euxino Aquiles habita uma ilha brilhante, Têts domina em Fita, Neoptólemo no Éprio penetrante onde, pasto de bois, colinas salientes se estendem que vão de Dordoná até a passagem jônica.

E ao pé do Péion, Peleu atacando com mão guerreira deu loicos escrava aos hemônios já experimentado nos pêrfitos artíficios de Hipólita, mulher de Acasto.

Com a espada de Dédaio o filho de Pélias plantou-lhe em emboscada a morte mas salvou-o Cifron e cumpriu o destino decidido por Zeus: o fogo onípotente, dos leões de manhã feroz as afiadíssimas garras e a ponta dos seus dentes tremendos detendo
63 ἔγαμεν ὑψηλών ἔπειν Ἀθηναίων.
Εἶδεν δὲ ἐκεῖνοι ἔδραν,
τὰς ὁδοὺς βασιλείας
ἐς πόλιν τὴν ἐφεζόμενοι
δόρα καὶ κράτος ἐξέφραζαν ἐγγένεις αὐτῷ.
Γασπίριον τὸ τρόφι Σόφιν ὄρος περατόν ἀπότρητα
70 αὕτης Ἐδρόποπον ποτα χέρι
τοι ἄντεκε ναός
ἐπορὰ γὰρ λόγον Ἀλκάδο
παῖδαν τὸν ἀπαντά μοι διείλειν.
Θεανδρίας δὲ ἀξιοφιλῶν ἄδειλων
κάρυς ἠτόμος ἔδα
75 Ὕλυμπις τε καὶ Ἡσθόμενος
τοι Ἰερέας τοι συνθέμενος,
ἐνθά πεῖραν ἔχοντες οὐκοῦν ὁδοκεῖ
κλητοκάρτιον ἔναντι λαοῦ στεφάνου,
πάτραν τὸν ἀκούομεν,
Τιμάσαρχη, τεὸς ἐπινικίας,
διδάσκαι τρόπον ἐμμεναι. Εἰ δὲ τοι
80 μάρφοι ὧν Ἐκιλλελέοι κελεύεις
στάλαν θέμεν Παρίου λίθου λευκοτέραν,
δ' ἀρχοντές ἔφωμενος
ἀγάς ἔδειξεν ἀπάθειος,
85 οὐκ, ὃς νύν τῶν ἄγαθων
ἐργάτων βασιλεύοις λυσαίον
σόφιαν τεύχει.
φῶνα, κέως ἀμόρος, Ἀχέρονι,
τοι ναυτάν ἔμαν
γάλασαν νύφετο κελάθην,
tοι ὁροστριαίνη
80 τὸν Ἐδρώμην ἐθέλαν γεραιὰς προπάταρ
οὺς δεισὸν ποτὲ, παῖ.
"Ἀλλοιοι δὲ ἄλλας ἄλλως τὰ ἀλλὰ ἄντιτοξίνη,"
90 Ἐλπιᾶς τοίς ἔκαστος ἔξω
οχότατα φάσθαι.
Ὀθὸν ἀλήθεις κε Μηληνίαν ἔμιτα ἄρηθος,
βῆματα πλέκων, ἀπάλαιος
95 τοις ἐν λόγῳ ἔλθεν,
μαλακὰ μὲν, φρονεῖν ἀσλοῖς, τραχὺς δὲ, παιλικότοις ἐφανεῖν.
desposou uma das Nereidas de alto trono
e viu assentados num belo círculo
os reis do céu e do mar,
e lhe apresentaram dons e poder
extensivo aos pósteros. De Gades
o lado das sombras é intransitável.

Volta ainda para a terra
de Europa a aparelhagem
do navio: impossível para mim
percorrer toda a história
dos filhos de Éaco.

Em honra dos Telamidas eu vim
como arauto disposto
das disputas revigorantes
de Olímpia e também no Isto
em Neméia, de cujas provas
jamais sem coroa de frutos ilustres
voltaram a casa, onde se ouve,
Timasácio, que tua família
provê os cantos de vitória.
Mas se ordenas ainda
que a teu tio Callícles

eu eleve uma estrela
mais branca que a pedra de Paros:
ouro ao logo mostra todo o brilho
mas o hino dos belos feitos
faz o mortal tão feliz
quanto os reis; e ele,
que habita perto do Aqueronte,
encontre minha língua ressoante
onde no combate
do Tridenfífera retumbante
floriu com a salsa corintia,

e Eulines, teu velho ancestral, ó jovem,
contente o cantou outrora.
Cada um tem seus contemporâneos
e o que ali vi, com seus olhos,
isso espera contar melhor.
Ao louvar Milésias, quanto
se voltava para a luta,
enlaçando as palavras, inarredável
no discurso, benevolente
pensando nos bons, adversário
duro dos maisãos.
NOTAS

Estrofe 1

A competição esportiva e a poesia são os temas que aparecem, entrelaçados, nesta abertura ou "preâmbulo do hino", 12 (hymnou prokómmion, 10) (5). (A palavra tema, aqui, deve ser tomada mais no seu sentido musical do que no literário, como em seguida se sugerirá.) Tais temas, retomados no desenvolvimento do poema, serão novamente associados no que poderíamos chamar a códa que encerra o ode.

(1) Aêristos euphrosyna, 1 – "Alegria, o melhor", 1. Estas palavras fazem imediatamente pensar no soberbo início da 1ª Olimpíada: Aríston mên hýdor ("Água, a melhor coisa") – nos dois casos, em grego, a palavra "melhor" abre o poema). Também aqui será logo introduzida a imagem da água: naquela ode, porém, a qualidade superlativa da água equivale à da poesia, enquanto que nesta a excelência da primeira cede à da segunda. (Esta associação água-poesia ou água-elogio reaparece várias vezes no poeta. Cf. Finley pp. 52-53.) Aqui também, como lá, surgirão as imagens do ouro e do fogu, que se contam entre as prediletas de Pindaro.

(2) póônón kekriménôn, 1 – "das fadigas decisórias", 1-2 (literalmente: "das penas decididas" ou "da decisão"). Trata-se das penas da disputa esportiva, da disputa levada à decisão: krín labónôn kal syntelesthénôn, glosa o escoliasta (apud Rumpel, s. u. krínô) – decisão vitoriosa, como convém ao contexto, em que se relaciona euphrosyna ("alegria") com os pónoi ("penas, fadigas").

(3) aoidai thêlksan nin haptômenai, 3 – "que as odes (...) encantam com o seu toque", 2-4 (lit.: "as odes, tocando-o/a/ás, encantam"). Há divergência entre os intérpretes quanto à referência de nin ("o, a, os, as"), objeto de thêlksan ("encantam" ou "encantam") e de haptômenai ("tendo pegado/atingido/locado"); seria euphrosyna (Anistarco apud Rumpel s. u. thélgo), pó̀nôn (Puech, entre outros) ou o vencedor (p. ex. Sandys). Esta última sugestão pode ser afastada, pois o atleta vencedor ainda não foi mencionado e só o será no verso 10. Quanto a euphrosyna, pode-se pôr de lado a hipótese, porque a relação mais rica de sentido, e presente em outros passos de Pindaro, é entre ponos ("pena, fadiga") e aoidê ("ode, canto"): epoaidiais d’anbër
nódynon kal tis kámaton thêken
(N VIII 49-50: "com canto mágicos um homem mesmo a pena torna indolor").

O efeito do toque mágico das odes sobre os pónoi vai sugerir, no plano físico, a imagem seguinte, da água esmerolante – tanto mais que, anota Puech (p. 51), háptomai ("pegar, atingir, tocar") parece evocar a ideia de massagem (acepção que, contudo, não se encontra dicionarizada). As imagens, como sempre em Pindaro, vão-se associando por meios que lembram o entrelaçamento de temas e motivos musicais. – O mesmo verbo thélgo é utilizado na 1ª Píliça, 12, referindo-se ao poder encantatório da música, precisamente da phôrminks.

(4) eulogyph phôrmingi synárois (5), 5 – "elogyio companheiro da lira", 6-7. Embora estas palavras, equivalentes à expressão latina laus citharae socia, sejam glosadas como laus ad citharam cantata, pode-se ver nelas, num dos âmbitos de sua significação, uma fórmula paralela àquele que resuma a arte dos trovadores provençais: motz e’l son, a palavra associada à música – essência também da arte de Pindaro.

(5) Rhêma d’hèrmatôn kroniónôterôn biotêui, 6 – "E a palavra vive mais tempo que os leitos", 8-9. Aqui encontramos uma das expressões píndaricas do topos cuja formulação horaciana é "exegi monumentum aere perennius" (III 30, 1: "completemi um monumento mais duradouro que o bronze"). As vezes, como na 7ª Neméia 11 sqq, Pindaro associa a ideia a imagens particularmente intensas, com o objetivo, ao que parece, de encarregar ao cliente a importância de seu trabalho e sua necessidade. O tema, sob o ponto de vista da relação vitória-canto,
é tratado por Gentili (pp. 173 sqq.), Gianotti (pp. 30 sqq) e Svenbro (passim). Diante do senti-
do dos vários trechos em que o poeta exprime essa idéia, sobretudo diante do verso aqui
comentado, como também em vista de trechos de outros poetas, mencionados por Gentili,
nos quais a mesma idéia aparece, espanta que Bruno Snell (citado aprovadoramente por
Gentili, p. 118, n. 64), ao comentar um fragmento de Salo que parece corresponder a este
topos, afirme que a concepção da obra literária como monumentum é romana, não grega.
Rhêma, no presente verso, não pode referir-se, parece-me, senão à palavra poética e, por-
tanto, ao que costumamos chamar “obra literária”. Também Svenbro discordaria de Snell: ele
lembra que “os poetas corais falam de seus poemas como de ‘esculturas’, de ‘monumentos’,
de ‘mámore’” (p. 14).

Estrofe 2

Na dedicatória, depois de homenagear o protetor dos jogos, Zeus, e a cidade em que
põem sede, Neméia, Pindaro faz a primeira referência à luta em que Timasarco se sagrou vencedor.
A homenagem, em seguida, se estende a Egina e seus habitantes, os eácidos (descendedores do
pedioso Eaco, filho de Zeus, pai de Tê拉动 e Peleu, avô de Ájax e Aquiles). A celebração de
Egina dá lugar à introdução dos motivos freqüentes no poeta: dikē (“direito, justiça”) e ksenia
(“hospitalidade”), vinculadas na luz que emana da cidade. A evocação de Timócrito, pai do vence-
dor, é arrematada com a transição para a estrofe seguinte, em que serão enumeradas as vitórias
de Timasarco.

(6) dikē ksenarkēi, 12 – “justiça que protege estrangeiros”, 17. Egina, centro de comércio, é
outro lugar celebrada por sua hospitalidade na 3ª Neméia 1-3: tān polyksenēn ... Algman (“Egina
cheia de estrangeiros”).

(7) kalλīnikōn. 16 – “belo de vitória”, 22. Este adjetivo composto (kalλē –, “bela”, “beleza” e nikē,
“vitória”) aparece também na 1ª Pílica, 32, e Haroldo de Campos o traduziu com a expressão
que aqui utilize. Posta de lado a tentativa de conseguir em nossa língua um equivalente por
meio de palavra composta, à maneira de Odorico Mendes (pulcriteriunfante, por exemplo, se-
ria talvez um pouco nível, porque soaria arcaico e bizarro), a solução de Haroldo é, além de
bela, mais literal até do que as traduções propostas em dicionários (“gloriosamente triunfante” –
Liddell & Scott, “vencedor glorioso” – Bailly) e, em nosso caso, quadra particularmente
bem à lição textual que adotamos, acolhendo a correção, muito verossimil e feliz, proposta
por Bergk e aceita por Puech: o substantivo a que kalλīnikōn se refere seria hȳdōn (“filho”), e
não hȳmnon (“hino”), como vem nos códices.

Estrofe 3

Na lista de cidades de onde Timasarco trouxe vitórias, Tebas, cidade de Pindaro,
ocupava posição contígua à da pátria do vencedor e é sobre as relações de amizade entre as duas
cidades que se detêm estes versos, que conduzem, na estrofe seguinte, à primeira digressão mí-
tica do poema.

(8) Kleλōnaiou tā’apagōnōs, 17 – “do combate cleoneu”, 23. Trata-se da luta de Neméia, cujos jo-
gos eram presididos pela cidade de Cleones.

(9) Amphitrōynos agaōn para tymbon, 20 – “perto do túmulo luzente de Anfitrião”, 26-27. Tebas,
acentuada Pindaro, é “cidade hospitaléia”, kσẹnion ἀστυ, e foi nela que Anfitrião, expulso de
Micenas, encontrou refúgio. O culto de Anfitrião em Tebas deve-se a ter sido lá que ocorreu
o quiproqué da sedução de sua mulher, Alcmena, por Zeus, o que a levou a ser mãe dos
gêmeos Itcêles (filho de Anfitrião) e Hércules (filho de Zeus). O Amphitrōynos de Plauto contém a
versão cómica do episódico.


Estrofe 4

O relato mítico, desenvolvido a partir da referência puramente tópica a Hércules, no fim da estrofe anterior, vai associar o herói tebano ao egineta Télamon e, mais uma vez, evocar o congraçamento das duas cidades. Por outro lado, o episódio mítico é pertinente à situação do lutador homenageado. O agenciamiento dos mitos, em Píndaro, parece obedecer a um princípio de pertinência semelhante àquela “arte da relevância” que Havelock (p. 90) discerniu em Homero. Isso, e tanto mais, nos indica o quanto é absurda a aplicação formalista de esquemas sociológicos para separar, de forma radical e brutal, Homero de Píndaro e dos poetas posteriores. Sobre este ponto, a atitude de formalismo marxista mais extremada, entre os helenistas, talvez seja a de J. Svenbro, para quem, entre Homero e qualquer outro poeta a partir dos líricos, não há “nada de comum, salvo talvez serem idos, hoje, pelas mesmas pessoas” (p. 8).

(12) Sýn hóí pote ... krataiôs Télamôn, 25 — “Com quem outrora Télamon poderoso”, 34. É notável a delicadeza do poeta em sua tarefa de elogiar o atleta e sua cidade: ela o leva a atribuir situação aparentemente central ao egineta Télamon, quando o verdadeiro protagonista da narrativa — e termo de comparação com o atleta elogiado — é o tebano Hércules.

(13) tón mégan poleimistán épagallon Alkyonê, 27 — “o inmenso Alcioneu guerreiro terrível”, 36. Filho de Gaia (Terra) e Urano (Céu), protagonista da Gigantomaquia (a luta dos Gigantes contra os deuses). Alcioneu era notável, entre os Gigantes seus irmãos, por seu tamanho e sua força. Hércules conseguiu matá-lo somente depois de ele ter amassado, de um só golpe, com um enorme rochedo, duas dúzias de companheiros do herói.

(14) rhexontá ti kai patheián éoiken, 32 — “é natural que quem dá também receba”, 43-44 (lit.: “é adequado que quem faz algo também o sofra”). Esta fórmula gnomica (um escolástica cita um verso semelhante de poeta trágico) resume o sentido que o relato da aventura de Hércules assume no contexto do encômio e faz supor que Timascaro tivesse tido grandes dificuldades para chegar à vitória, tendo sido bastante contundido da luta. O paralelo elegantemente estabelecido por Píndaro não poderia ser mais nobilitante.

Estrofe 5

De novo o poeta se volta para a poesia, mas agora a considera não sob o aspecto de sua essência encantatória ou de seu poder eternizador, como na estrofe 1, mas sim do ponto de vista das circunstâncias concretas que cercam seu ofício: as convenções do epínicio, a exiguidade do prazo em que a composição deveria estar pronta, as críticas dos desafetos. E aqui, de novo, trata-se, simultaneamente, tanto das circunstâncias ligadas à experiência do atleta elogiado quanto da experiência humana em geral, pois o tom sentencioso continua presente.

(15) neomêniaî thígèmen, 35 — “tocar na festa da lua nova”, 47-48. A partir do v. 36 há, segundo os comentadores, uma “passagem muito obscura” (Puech). Mas já antes, no v. 35, encontrase alguma dificuldade, pois há divergências sobre o contexto em que se encaixa o dativo neomêniai (neomênia: “festa da lua nova”). Puech afasta-se da letra do original: “la fête de la
nouvelle lune m'appelle". Sandys é literal: "to touch on the new-moon's festival". Romagnoli, próximo de Sandys mas operando uma translação de sentido, fala em "dizer a lua nova": "mi strugge desio/ch'o dica la luna novella". Bernardini repete Romagnoli: "dire della festa del novo-lunio". Sommer entende neomêntai como dativo de tempo e relaciona thygêmen ("locar de leve, alcançar, mencionar, referir") a tâ makrâ, 33 (lit.: "as grandes coisas", isto é, "as grandes narrativas"), e traduz: "je suis entraîné à les traiter (os relatos a que se referia tâ makrâ) dans ce jour de la lune nouvelle". A leitura de Sommer é problemática, pois não há exemplo (salvo, talvez, um passo de Arquíloco, de lição duvidosa) de uso do verbo thingâno com complemento no acusativo. Além disso, na 4ª Pítica 296, Pindaro emprega o mesmo verbo em idêntica construção (hesykêiai thygêmen: "alcançar a tranquilidade"). A interpretação de Sommer, no entanto, tem o mérito de nos aproximar mais explicitamente do sentido destes versos, mesmo na leitura dos demais tradutores. Parece-me – e há comentaristas que se referem a isso – que Pindaro devesse ter súa ode executada no dia da lua nova e que atribuisse (poeisâ oblige) a uma "força mágica" (iyynks) o que na verdade era cláusula contratual (aqui nos lembramos, sem a necessidade de qualquer conotação pejorativa, da "musa venal" de que fala Svenbro). Tanto mais que o fethmôs ("o estabelecido, a lei, a regra") que limita o poeta parece referir-se não apenas às convenções relativas ao canto, mas também à ocasião em que ele deveria ser executado, como observa Bowra (p. 196) – Em minha tradução, procurando ser o quanto possível literal, corri o risco de fazer o verbo locar ser tomado no seu sentido musical, o que, se não se encontra no texto grego, de qualquer forma não o distorce nem vai mal no contexto.

(16) Emph... epibouliai, 36-37 – "Mas mesmo... citada", 48-51. A metáfora marinha, apropiada em se tratando da ilha de Egina, pode aplicar-se ao obstáculo que o poeta tem de enfrentar e à situação de perigo que o lutador deve superar: de um lado, Pindaro frente às críticas de seus detratores; de outro, Timasaco tanto diante de seu oponente como em meio a seus desafetos invejosos; além disso, o homem, qualquer homem, que deve resistir às adversidades e não sucumbir aos inimigos que o sucesso atraia. Bowra (p. 27) e Bernardini (pp. 108 sq) observam que ekhein mêsôn deve ser uma expressão da linguagem técnica da luta, indicando um golpe que consiste em agarrar o adversário pela cintura, para levantá-lo e atrá-lo ao chão.

(17) kylindei, 40 – "agita", 54. Há quem considere que aqui se emprega o presente pelo futuro (Sommer), o que indica apenas que não se percebeu a vivacidade desta imagem do invejoso, vivacidade na qual o tempo verbal desempenha papel importante. Além disso, é notável a antítese entre a luz do sucesso (en phâei) e as sombras da inveja (skotôi).

Estrofes 6, 7, 8 e 9

Encerrada a imagem do invejoso e suas tramas inúteis, a digressão gnômico-metalingüística é arrematada por uma passagem em que o poeta se refere a sua aretê ("excelência") e a situação num plano temporal em que não há obstáculos (ao contrário das restrições de tempo mencionadas na estrofe anterior) e onde sua plena realização está acima das intrigas malvidas dos desafetos. Depois, invocando a lira, introduz a sequência mítica que ocupa as três estrofes seguintes: desfilam deuses e heróis ligados a Egina e que se espalharam pelo mundo (estr. 7) e são relacionados alguns dos episódios centrais do mito de Peleu, terminando a narrativa com uma advertência (de novo a fórmula gnômica) sobre empresas irrealizáveis e a impossibilidade de contar toda a história dos eácidas.

(18) aretân, 41 – "excelência", 56. A tradução por "excelência", coincidente com a de Sandys, é sugerida por Rumpel (s. u.), que define aretê como "quaesuis praestantia uel animi uel corporis uel fortunae" ("tudo o que é excelente, seja do espírito, seja do corpo, seja da sorte").


Neto de Éaco e um dos mais notáveis eácidas, Teucro se destacou na Guerra de Tróia como o melhor dos arqueiros. Responsabilizado pela morte do irmão, foi expulso de Egina pelo pai, Télamon. Estabeleceu-se em Chipre e lá fundou Salamina, onde "reina apartado" (apárkhēi) da pátria.


(22) phaenāṇ Akhileus nāson, 49-50 — "Aquiles habita uma ilha brightly", 67-68. Trata-se da ilha de Cíos, onde a mãe de Aquiles, Tétis, ou seu pai, Peleu, o escondeu para evitar que se cumprisse em Tróia seu destino de morrer prematuramente. Lá, Aquiles viu nascer seu filho Neoptôlémon. — Pareceu-me que manter em português a elipse desta oração (zeugma envolvendo o verbo ēkheī, "tem, detêm", no v. 48) poderia torná-la obscura, o que não ocorre em grego. Supri a lacuna com o verbo habita por sugestão de Puech, e também estimulado pelo pensamento de que "desgraça pouca é bobagem": a parada mítica desta estrofe 7 de tal forma perde seu fulgor na tradução, que o afrouxamento decorrente da inserção de um verbo ocioso não poderia aumentar muito o prejuízo. Ao contrário, parece-me pior manter uma elipse difícil, num contexto em que, diferentemente do original, nada a justifica.

(23) Peleus, 56 — "Peleu", 75. Este filho de Éaco foi expulso de Egina pelo pai, juntamente com seu irmão Télamon, por terem amos assassinado seu meio-irmão Focos. Peleu refugiou-se em Fia, onde o rei Euríton o purificou do crime e lhe deu a filha Antígona como esposa. Tendo matado acidentalmente Euríton numa caçada, teve novamente de se exilar, desta vez em lóculos, onde foi purificado pelo rei Acaso, filho de Pélia. Hipólita, a bela mulher de Acaso, apaixonou-se por Peleu e, rejeitada, além de criar intrigas que levaram Antígona ao suicídio, mentiu ao marido dizendo-lhe que o hóspede tentara violênt-a. Acaso, numa caçada no monte Pélion, enquanto Peleu dormia, tirou-lhe a espada (a "espada de Dédało", isto é, a espada engenhosamente fabricada, presente de Hefesto) e abandonou-o para que fosse atacado pelos cíclopes. Mas Quíron, o cíclope sábio, devolveu-lhe a espada, com o qual, depois, Peleu vingou-se de Acaso e Hipólita, tomando lóculos, matando-os, esquecendo a raiha e entregando a cidade aos esssálios (os hemónios). Quíron ainda o orientou na batalha que em seguida teve de travar com Tétis. Esta nereida, desejada por Zeus, estavaفادada a dar à luz um filho mais poderoso que o pai. Diante disso, Zeus desistiu de a possuir e decidiu destinar-a a Peleu, que não a podia conquistar senão depois de violenta luta, na qual a deusa usou de seu poder de metamorfosear-se em seres diversos (Pindaro relata suas transformações em fogo e leão). — A captura de Tétis por Peleu e sua festa de núpcias, a que comparecem os deuses, aparecem representadas com muita frequência na arte grega a partir do século VI. Na estrofe 7, Tétis é evocada como "a que domina em Fia" porque Peleu sucedeu Euríton no trono da cidade.

(24) skházōsais, 64 — "detendo", 88. Bernardini (p. 113, n.5), citando Bury, supõe que o verbo skházō, indicando a resistência de Peleu aos ataques de Tétis, pode ter sentido específico decorrente da terminologia esportiva. Tratar-se-ia, pois, mais uma vez, de um leitmotiv do poema, aqui reintroduzido como que através de um simples arpego que evoca uma melodia, ou seja: um vocábulo apenas, o qual, inserido no relato mítico, retembra o esporte em que o homenageado triunfou. O contexto torna verossímil a hipótese, já que a história se refere a uma luta difícil mas coroada por uma vitória esplêndida. Pindaro parece não perder de vista aquele princípio de pertinência antes mencionado e é lícito supor que, quando seus desenvolvimentos de narrativas míticas nos parecem fugir à economia da ode, trata-se não de cochilo ou falta de rigor do poeta, mas sim de carência de nossa parte, que não dispomos dos elementos que nos permitam encaixar adequadamente o episódio no projeto do poema.

(25) Gadeirōn tô prós zdóphon ou peratón, 69 — "De Gades o lado das sombras é intransitável", 93-94. De novo a frase gnômica e de novo a imagem marinha no poema ao atleta de Egina. Gianotti (p. 27) nota que aqui se trata do tema do métron, a medida humana: Bernardini refere-se ao "tema obsessivo do limite" (p. 116). Pindaro exprime a mesma idéia em alguns passos notáveis, como o seguinte, que serviu a Paul Valéry de epígrafe para o Cimétière Marin:
Estrofes 10, 11 e 12

Os ingredientes obbligati do epínico reservados para estas estrofes finais são o elo-gio da família do vencedor (o pai do atleta já fora evocado na estrofe 2: agora, comparecem mais dois membros ilustres da família: um atleta, Calicliês, e um poeta, Eufanes) e a homenagem a seu treinador (Milésias). E a ode é arematada por uma coda em que os temas da arte e do esporte se associam novamente, numa recapitulação da matéria temática antes desenvolvida.

(26) epnikiosin acoidas própolon émmenai, 78-79 – “provê os cantos de vitória”, 107-108 (lit.: “é ministra das/lé devotada às odes que celebram a vitória”). Comentadores e tradutores divergem quanto à interpretação deste passo: a família de Timasarcos seria ministra de cantos epí-nicos seja porque assumia as despesas que tais espetáculos exigiam (Dissen, apud Rumpel s. u. própolos), seja porque se tratasse de uma família tradicional de músicos (Leutsch, ib.), seja ainda porque os atletas da família forneciam matéria a odes epínicas (Hermann, apud Sommer, p. 176). A tradução que adotei permite que se acolha qualquer das interpretações.

(27) glòssan. 86 – “lingua”. 118. Lingua é metonímia frequente em Pindaro, substituindo o canto, o som do canto ou o próprio poeta (como no v. 5 da presente ode). Neste trecho, os tradutores costumam explicitar a figura (vozec, voix, canto), diminuindo sua expressividade mas evitando o prosaismo anatômico, que pode tornar-se berrante na tradução.

(28) Orsotriaina ... baryktýpou, 86-87 – “do Tridentífero retumbante”, 120. É o deus do mar, Pósídon, portador do tridente, a quem eram dedicados os jogos isínicos (o istmo de Corinto é também lembrado na expressão “salsa coríntia”; do verso seguinte).

(29) Hoion ainéon ke Melésian érida stréphoi..., 93-96 – “Ao louvar Milésias, quanto se voltaria para a luta...”, 127-132. Verdadeiro climax da ode, estes versos finais mesclam luta e poesia de uma forma que, diz Puech, “faz o desespero do tradutor” (p.50). Pindaro descreve o poema em louvor de Milésias através de uma sequência encadeada de termos do jargão dos lutado-res (érida, stréphoi, plékôn, apálastos, élkein, éphebos). A glória do poeta e a do atleta se fundem numa solução poético-musical em que os acordes são palavras que harmonizam, organizando-os no plano da simultaneidade, sentidos referentes à técnica literária e à agonís-tica. – Pindaro fala no poeta rhémata plékôn, 94 (“enlaçando as palavras”, 129): Platão, usando uma palavra de idêntica raiz, refere-se à symplóktē (“enlace, abraço”) das palavras no discurso. No contexto platônico, além dos sentidos dialético e poético, há conotação erótica; no contexto pindérico, os sentidos agonístico e poético se fundem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIANOTTI, G.F. *Per una poetica pindarica*. Torino: Paravia [1975].